

18° Congresso Brasileiro de Sociologia  
26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)  
Grupo de Trabalho: GT 35 Juventudes, Velhices e Construções Identitárias

AS RELAÇÕES DA JUVENTUDE DO SUL-FLUMINENSE  
DO RIO DE JANEIRO COM O ESTADO BRASILEIRO (OU  
“COMO O ESTADO VÊ A JUVENTUDE FLUMINENSE”)

VINÍCIUS CARVALHO LIMA  
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)  
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

# **AS RELAÇÕES DA JUVENTUDE DO SUL-FLUMINENSE DO RIO DE JANEIRO COM O ESTADO BRASILEIRO (OU “COMO O ESTADO VÊ A JUVENTUDE FLUMINENSE”)**

Vinícius Carvalho Lima

## **RESUMO**

Este trabalho tem como principal objetivo analisar as relações da juventude com o Estado brasileiro, tendo como base para pesquisa de campo, a região sul-fluminense do estado do Rio de Janeiro. Num contexto marcado pela distância da Região Metropolitana do Rio de Janeiro – que impacta o acesso à educação, cultura e transporte público e pela carência de oportunidades de trabalho e de formação intelectual, propõe-se a realização de uma pesquisa que valoriza o protagonismo da juventude no desvendamento de possíveis intervenções urbanas que reduzam as desigualdades sociais e a fragmentação territorial que se repetem no cotidiano de municípios da região. A ideia por detrás da reflexão proposta é compreender subjetividades marcadas nos espaços da cidade e como estas movem os jovens rumo a mudanças em seus municípios de origem - como os jovens marcam, compreendem e realizam seus desejos no espaço urbano. A compreensão das relações sociais no espaço urbano é um tema clássico da sociologia, que, com a existência de leituras muito presas à materialidade produziu análises consideradas problemáticas pela literatura contemporânea. Principalmente no que concerne ao ator/sujeito social, que é visto quase como um produto da reprodução desigual das cidades. Buscamos desta forma, investigar da utilização e usufruto pelos jovens dos equipamentos urbanos, notadamente a escola, para enxergar no percurso de pesquisa a relação destes com o Estado brasileiro.

## **1. INTRODUÇÃO**

O artigo proposto – vinculado ao Grupo de pesquisa Interdisciplinar de Estudo de Culturas e Linguagens (IECL/IFRJ) se relaciona a um projeto de pesquisa (do mesmo título do artigo) que, tem como objetivo principal, analisar as relações da juventude com o Estado brasileiro, tendo como base para pesquisa de campo, a região sul-fluminense do estado do Rio de Janeiro, especificamente o município de Pinheiral.

Num contexto marcado pela distância da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) – que impacta o acesso à educação, cultura e transporte público, sobretudo dos jovens – e pela carência de oportunidades de trabalho e de formação intelectual, propõe-se a realização de uma pesquisa que valoriza o protagonismo da juventude no desvendamento de possíveis intervenções urbanas que reduzam as desigualdades sociais, a fragmentação territorial e as diversas formas de espoliação (KOWARICK, 1975) que se repetem no cotidiano de municípios da região sul-

fluminense do Rio de Janeiro.

Não se faz necessária a produção de um mapa para a demonstração que os jovens do sul-fluminense estão entre alguns dos mais afetados com as disparidades<sup>1</sup>, principalmente, no que diz respeito ao acesso à educação e emprego, com escasso acesso aos bens necessários à reprodução social.

Verificamos também tentativas de mudança desse cenário nos últimos 15 anos, com a Secretaria Nacional de Juventude, vinculada à Presidência da República, com o objetivo de articular os programas e projetos, em âmbito federal, e fomentar a elaboração de políticas públicas para jovens<sup>2</sup>.

Sendo assim, ganha sentido o tema da mobilidade social, o aumento de possibilidades entra na pauta do dia. O que antes estava restrito a juventude dos estratos médios da sociedade brasileira passa a fazer hoje – mesmo que timidamente - parte da vida do jovem de periferia, há experimentações urbanas diferentes a partir da mobilidade.

Nos perguntamos, entretanto, se essa mobilidade social é possível para os jovens da região sul-fluminense, se estes conhecem programas do Estado, como avaliam sua relação com os mesmos e se, de fato, percebem mudanças no seu cotidiano escolar, econômico e sociocultural.

## **2. JUVENTUDE E MUNDO CONTEMPORÂNEO**

Antes de partirmos para resultados e discussões da pesquisa, consideramos de suma importância deixar claros os pressupostos teóricos que demarcam a pesquisa.

Sendo assim, a ideia principal foi compreender subjetividades marcadas nos espaços da cidade e como estas movem os jovens a promoverem mudanças em seus municípios de origem. Em outras palavras, como os jovens, marcam,

---

<sup>1</sup> De fato, se analisarmos os dados (IPEA, 2008) sobre a juventude brasileira estes são alarmantes: há 51 milhões de jovens brasileiros entre 15 e 29 anos; 66% deles estão fora de salas de aula; apenas 13% deles estão cursando curso superior; apenas 48% dos que tem 17 e 18 anos estão estudando no ensino médio; 46% deles estão desempregados; apenas 27% têm emprego com carteira assinada; 31% são miseráveis, pois possuem renda per capita inferior a meio salário mínimo; 70% dos jovens considerados pobres, são negros.

<sup>2</sup> Entre estas, destacamos o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem) e Programa Universidade para Todos (Prouni), vinculados à secretaria e ao ministério da educação, respectivamente, porque atingem diretamente os jovens da região. Além destes, nos interessa destacar também nos últimos anos, o papel dos Pontos de Cultura e as diferentes iniciativas do ministério e das secretarias municipais de cultura, como feito imprevisto do direcionamento inicial dessas políticas.

compreendem e realizam seus desejos no espaço urbano.

A compreensão das relações sociais no espaço urbano é um tema clássico da sociologia que, com a existência de leituras presas à materialidade produziu análises consideradas problemáticas pela literatura contemporânea. Principalmente no que concerne ao ator/sujeito social, que é visto quase como um produto da reprodução desigual das cidades. Em algumas análises, a carência do espaço é vista como carência automática também marcada no indivíduo.

Desta forma, nosso enfoque se deu na investigação acerca do usufruto por parte dos jovens dos equipamentos urbanos, notadamente na primeira fase do projeto que apresentamos aqui a relação com o campo educacional e a escola, para enxergar no percurso de pesquisa a relação destes com o Estado.

Para isto, precisamos refletir, de forma rápida, sobre o que representa ser jovem no Brasil atual. As reflexões sobre juventude têm feito parte das ciências sociais brasileiras desde a década de 1960 e a produção de trabalhos sobre “juventude urbana” em particular tem sido numerosa (VIANNA, 1997; PERALVA & SPOSITO, 1997; ALVIM, 2000).

Verificamos que os trabalhos focam em dois eixos principais: jovens como agentes da delinquência e na contramão, como agentes de transformação social. Eixos poucos explicativos e que fizeram emergir indefinições na própria categoria, geraram ao longo das últimas décadas análises associadas a “problemas” e “expectativas”, sem que se procurasse “a autopercepção e formação de identidades” daqueles que foram definidos como jovens (CASTRO, 2004).

No entanto, as relações sociais não permitem tais simplificações, a juventude/jovem não terão características definidas a priori, este é o caminho pelo qual optamos por seguir com a pesquisa. As definições afastam o debate do jovem considerado como ator político que dialoga com as desigualdades sociais verificadas em seu entorno. Em outras palavras, essas definições consideram o jovem como um agente que precisa “ser formado, direcionado para assumir seu “papel social”, podendo se desviar neste percurso e, que, portanto, precisa ser “controlado” (CASTRO, 2004).

Seguindo a trilha alinhavada por Bourdieu (1983), o padrão de inserção dos jovens está relacionado ao percurso histórico de sua nação em um determinado momento. Há uma grande variação no que diz respeito ao ambiente familiar, a entrada na escolar e posteriormente à inserção no mundo do trabalho. Especialmente neste último a possibilidade de inserção dos jovens é diminuta, com aumento do

desemprego juvenil e a submissão dos jovens quando empregados à relações de trabalho instáveis (POCHMANN, 2000).

Nos 1990, a imagem dos jovens foi sendo socialmente reelaborada, tendo como referência um perfil mais individualista e consumista. Sendo assim, os programas e projetos ganham impulso para sanar as vulnerabilidades e as novas desigualdades oriundas desse novo perfil. Um marco foi a instituição, no ano de 1990, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que de um lado reconheceu as disparidades e problemas em que a juventude estava inserida, mas de outro fortaleceu a emergência de ações de governo nos campos esportivo e cultural que visavam o controle social do tempo juvenil, o que se intensificou durante os anos Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso.

No contexto político iniciado em 2003, um dado representativo foi a criação, da supracitada Secretaria Nacional de Juventude, vinculada à Presidência da República, com o objetivo de formular, supervisionar, coordenar, integrar e articular programas e projetos, em âmbito federal, além de fomentar a elaboração de políticas públicas para jovens (OLIVEIRA, 2012). Com a secretaria foi criado também o Conselho Nacional da Juventude (CNJ), com as seguintes atribuições: “assessorar a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) na formulação de diretrizes da ação governamental; promover estudos e pesquisas acerca da realidade socioeconômica juvenil; fazer com que a Política Nacional de Juventude “seja conduzida por meio do reconhecimento dos direitos e das capacidades dos jovens e da ampliação da participação cidadã” (BRASIL, 2012). A problemática juvenil foi timidamente redimensionada, nesse novo cenário, com mudanças expressas nos indicadores do mercado de trabalho (DIEESE, 2005).

Mesmo se tratando de um novo momento, tais iniciativas foram insuficientes para resolver o quadro anteriormente relatado. Como avanços podemos elencar: a emergência pública da problemática do jovem, especialmente frente às dificuldades de acesso universal a uma educação de qualidade e quanto às condições de inserção no mundo do trabalho; início da constituição de uma base institucional de ação pública sobre o tema; a profusão, nos últimos anos, de políticas públicas de juventude nos âmbitos estaduais e municipais (SPOSITO, 2006); a atuação em várias frentes, simultaneamente e sob maiores graus de articulação entre si, tais como educação, formação profissional, intermediação de mão-de-obra, microcrédito e mobilização cidadã; esforço de mobilização e articulação da sociedade civil.

As limitações ainda são marcantes do outro lado: desarticulação entre as

diversas iniciativas destinadas especificamente à problemática juvenil, seja no que se refere às relações interministeriais, no plano federal, seja quanto ao entrosamento entre os entes federativos; paralelismo/justaposição e desarticulação dessas iniciativas mais especificamente focadas frente às políticas de caráter mais permanente e estruturante (tais como: sistema educacional, sistema público de emprego, política econômica); continuam frágeis os mecanismos de controle social dessas políticas e das formas de participação social, seja quanto à atuação das organizações da sociedade civil, seja com relação ao envolvimento dos próprios públicos beneficiários; mantém-se um quadro de qualificação deficiente dos órgãos e agentes encarregados de viabilizar tais ações; não houve grandes avanços quanto à dotação orçamentária; persiste o caráter emergencial das medidas, apesar dos avanços no sentido de torná-las mais robustas e permanentes (IPEA, 2008).

Nosso objetivo teórico neste projeto é visto o panorama apresentado, avançar na percepção dos indivíduos nos termos de Norbert Elias (1994), através de *constelações de circunstâncias* que podem alterar suas configurações sociais, a partir do debate que o autor trava sobre os conceitos de “indivíduo” e “sociedade” no cerne da Sociologia Relacional, tendo como foco específico a relação desses jovens com a escola.

Nossa hipótese, portanto, é que houveram modificações, nos últimos 20 anos, na vida dos jovens da região sul-fluminense. Algo foi modificado em suas subjetividades, quando inseridos nos diversos programas e ações governamentais, mas essas mudanças e seus impactos haviam sido pouco estudados. Mas será que isto é claro para estes? Quais as dificuldades que devem ainda ser investigadas nessa relação com o Estado?

### **3. METODOLOGIA**

A metodologia de pesquisa foi toda formulada - através da orientação sociológica acima – no sentido de consolidar e conceder espaço a uma pesquisa feita de jovens para jovens. Foram selecionadas 4 bolsistas ao longo do processo de pesquisa e através das reuniões e debates estabeleceremos junto com alunos do ensino médio do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ/Campus Pinheiral) como abordar os jovens, que perguntas realizar aos mesmos e também quais estratégias realizar.

Nossa primeira intenção foi buscar examinar publicações selecionados sobre o tema em tela. Depois, elaboramos reflexões sobre a ida ao campo e a

elaboração um questionário que indagou os jovens sobre seus anseios e expectativas sobre a utilização do espaço urbano e escolar. O questionário inicial contou com 30 (trinta) perguntas a serem realizadas com os jovens dos três anos do ensino médio, um período de testes foi realizado no próprio campus Pinheiral e vimos a necessidade de diminuir o número de perguntas pela metade, pois os estudantes ressaltaram a dificuldade em responder e os bolsistas notaram falta de tempo hábil para aplicação do mesmo.

Nas outras etapas do projeto realizamos entrevistas para além do campus com escolas públicas da cidade de Pinheiral estimulando a convivência entre jovens de classes sociais diferentes, através de encontros semanais ou quinzenais entre escolas de ensino médio da região. Na segunda parte do projeto a ser realizada partiremos para Volta Redonda e Barra Mansa

Nosso objetivo foi investigar, monitorar e contribuir – através das falas dos jovens - para a formulação de políticas educacionais que possam melhorar o padrão de qualidade do sistema público municipal, estadual e federal da região. Desta maneira, a metodologia encontra-se concebida de forma a permitir o conhecimento de representações espaciais da juventude dos municípios da região sul-fluminense e o mapeamento dos anseios (desejos) desta juventude no que concerne a apropriação do espaço urbano. A metodologia, de maneira geral, portanto, incide na ideia supracitada de estimular o contato de jovens oriundos de diversas classes sociais da região sul-fluminense.

Especificamente, procuramos (1) conduzir os jovens a reflexão sobre seu espaço, sua escola, seu cotidiano e seu futuro; (2) ressaltar a diferença de ensino em escolas federais, estaduais e privadas; e (3) promover o diálogo sobre vida cotidiana e identidades espaciais entre diferentes segmentos da juventude.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os questionários – total de 150 - foram aplicados em três escolas do município de Pinheiral/RJ: o campus Nilo Peçanha/Pinheiral do IFRJ, no Ciep Brizolão 291 Dom Martinho Schlude e no Colégio Albert Einstein – este último da iniciativa privada

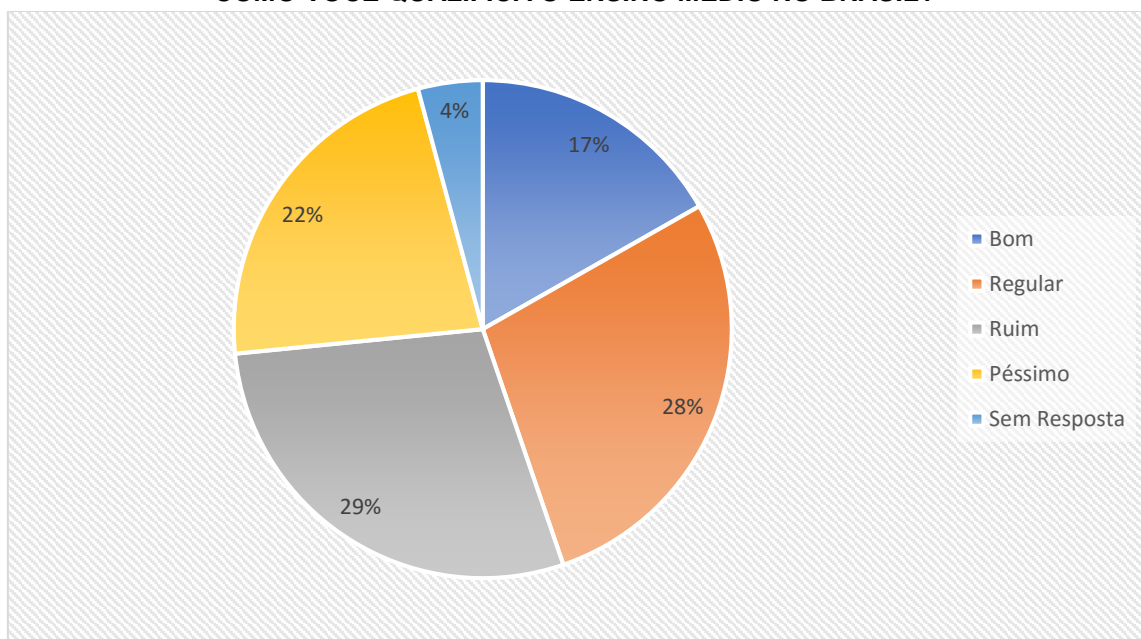
Pelas limitações de tamanho do artigo, só trataremos de 6 perguntas das 15 realizadas e das relações verificadas entre elas, a intenção é divulgar resultados completos assim que a aplicação do questionário nas demais cidades for realizada.

De forma mais ampla, podemos dizer que foram aplicados 120 questionários que abrangeram jovens de diferentes faixas etárias: 20% na idade de 14 anos, 11% de 15 anos, 32% de 16 anos, 22% de 17 e ainda contamos com 13% de jovens acima de 18 anos. A participação feminina foi significativa, respondendo por 57% dos questionários respondidos, seguidos de 34% masculinos e 7% de não identificados.

Apesar do questionário ter sido aplicado somente na cidade de Pinheiral (71%), foram entrevistados estudantes de outras cidades, tais como: Volta Redonda (13%), Barra Mansa (4%), Vargem Alegre (9%) e Arrozal (4%). Sendo assim, mesmo que não tenhamos aplicado o questionário em outras cidades da região neste primeiro momento da pesquisa, conseguimos representar jovens de outras cidades da região.

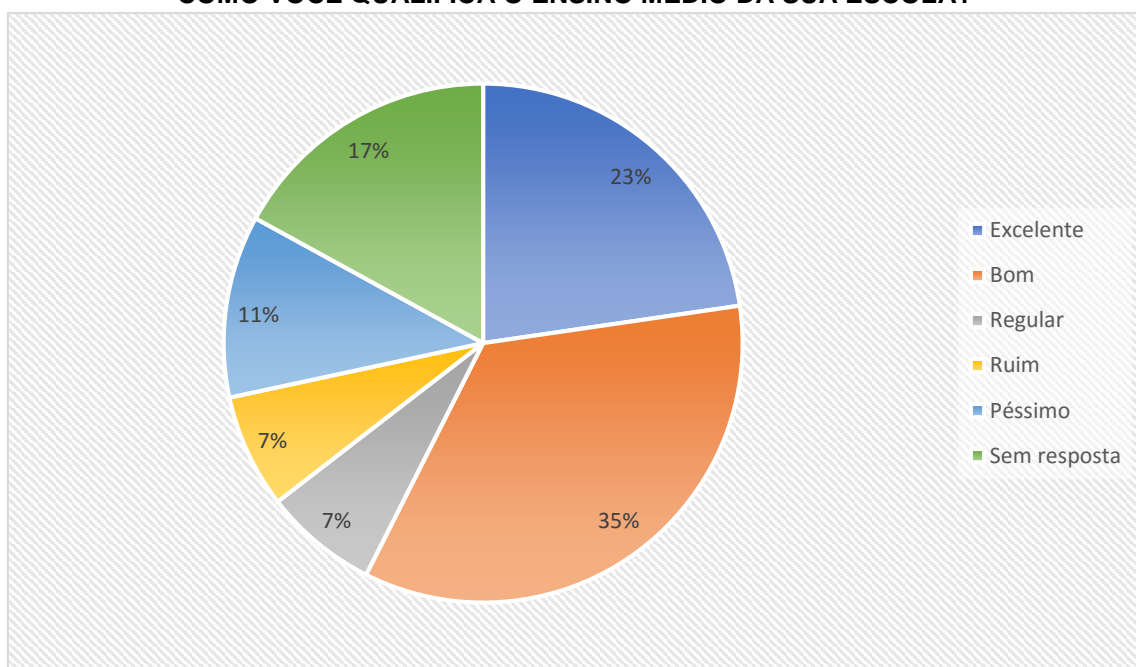
Optamos também para dar um panorama geral da pesquisa, não diferenciar os questionários de cada escola nesta primeira fase, o que será feito em outras etapas no projeto. De forma ampla, perguntamos como os jovens veem o ensino médio no Brasil e no seu espaço escolar:

#### COMO VOCÊ QUALIFICA O ENSINO MÉDIO NO BRASIL?





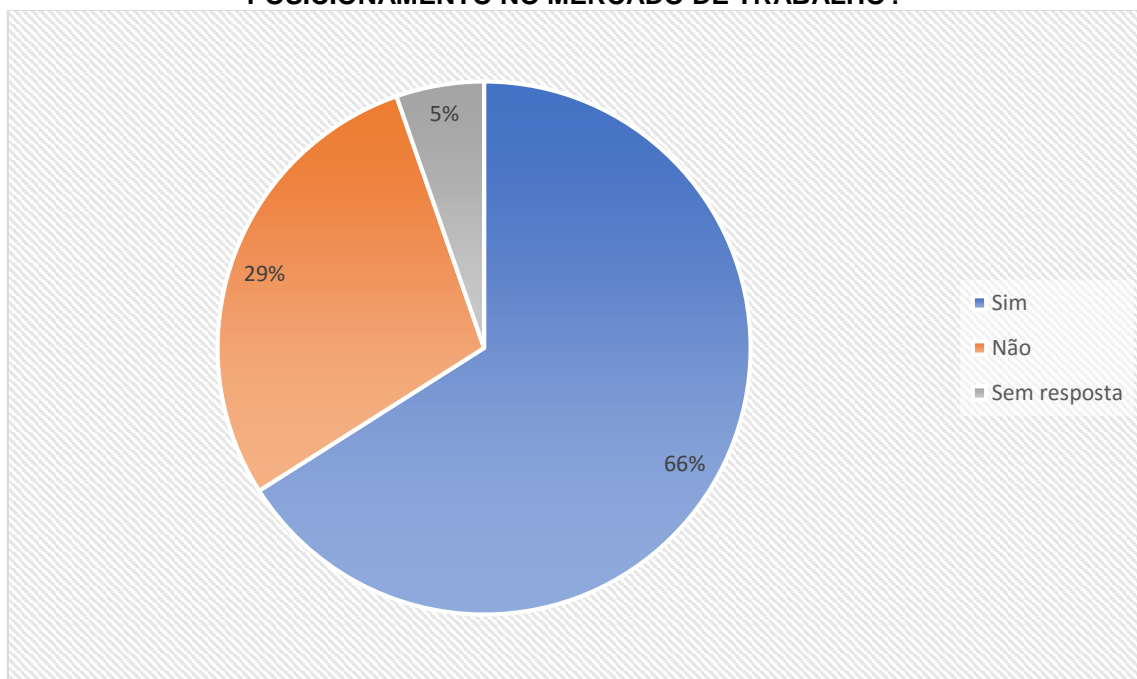
### COMO VOCÊ QUALIFICA O ENSINO MÉDIO DA SUA ESCOLA?



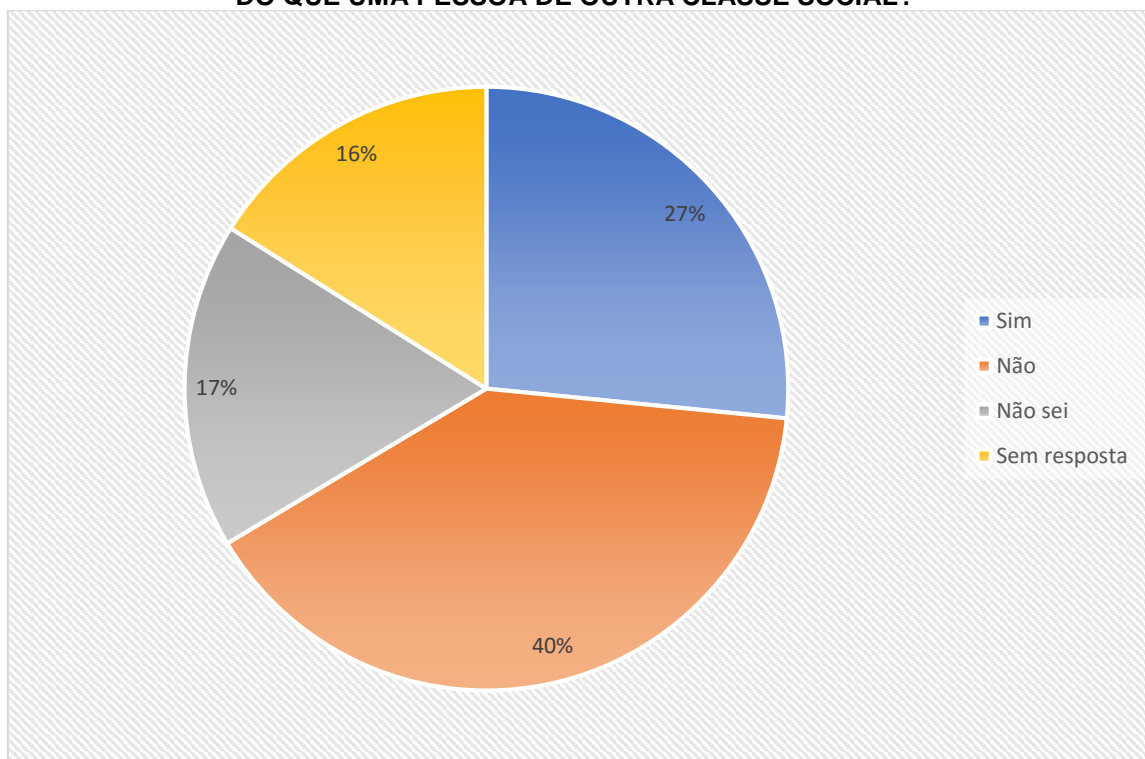
De antemão, podemos perceber que há uma espécie de defesa/proteção do seu espaço escolar, quando indagamos sobre a escola em que estavam inseridos surge a categoria “excelente” antes não identificada quando falamos do ensino no Brasil. Isso se deve principalmente as entrevistas no campus do IFRJ, onde os alunos são estimulados a verem seu campus e os investimentos nele realizados de maneira positiva.

Após estas características gerais que apresentamos, iremos analisar traços específicos relacionados a divergências verificadas nas respostas dos questionários. A primeira relação a ser analisada será a das expectativas da família em relação ao desempenho escolar e como os jovens veem as diferenças de oportunidades a partir do ensino recebido nas escolas estudadas. Notamos de antemão que os estudantes avaliaram como boa/excelente a qualidade de ensino que recebem. No entanto, em sua maioria não acreditam que esse ensino o garanta melhores oportunidades futuras. Podemos notar que existe influência direta da expectativa da família - especialmente dos pais ou responsáveis - sendo este fator determinante da visão dos jovens acerca do próprio futuro.

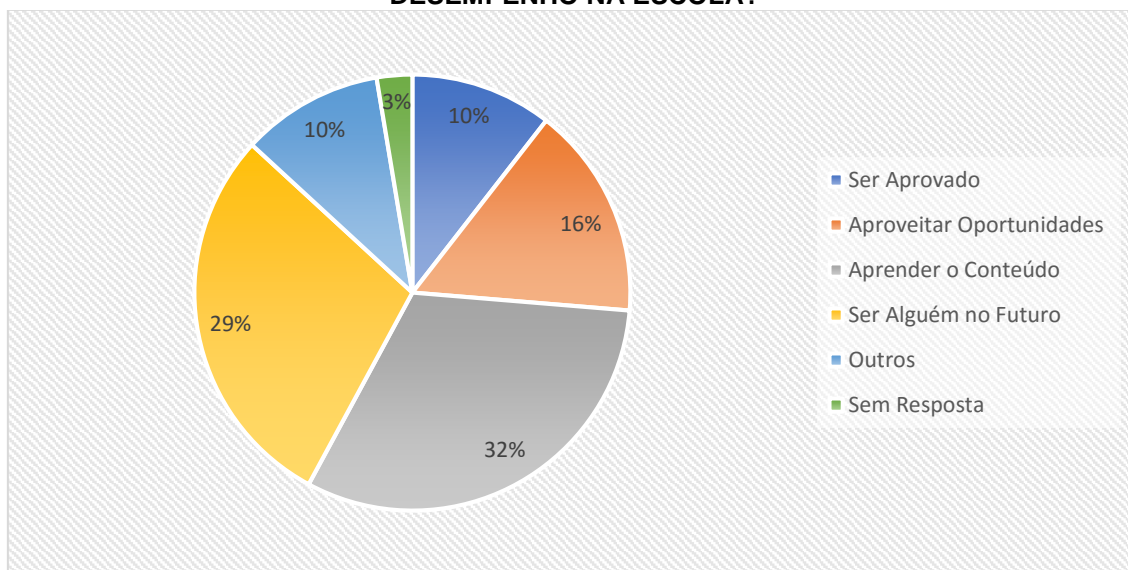
**VOCÊ ACREDITA QUE A EDUCAÇÃO RECEBIDA AUXILIA A OBTENÇÃO DE MELHOR POSICIONAMENTO NO MERCADO DE TRABALHO?**



**VOCÊ ACHA QUE TEM MENOS OPORTUNIDADE DE ENTRAR EM UMA UNIVERSIDADE DO QUE UMA PESSOA DE OUTRA CLASSE SOCIAL?**

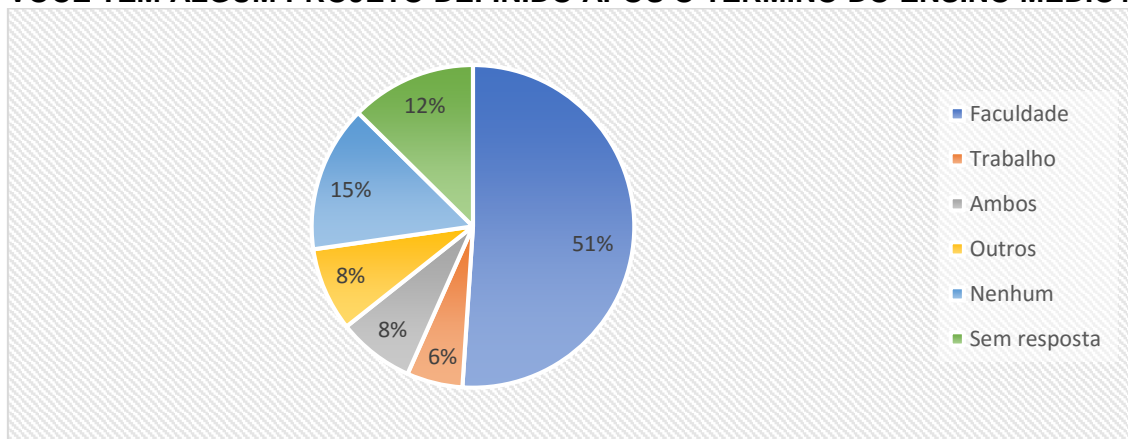


### O QUE SUA FAMÍLIA E AMIGOS ESPERAM DE VOCÊ EM RELAÇÃO AO SEU DESEMPENHO NA ESCOLA?



Outra relação que podemos estabelecer através das respostas, é a que existe entre a visão dos jovens sobre suas oportunidades e seus projetos no pós ensino médio. Para a maioria dos estudantes dentro das escolas visitadas surge como plano principal o ingresso na Universidade. Mesmo dentro do espaço de ensino técnico, onde o objetivo deveria ser o ingresso no mercado de trabalho e a obtenção de uma profissão, os jovens buscam a Universidade.

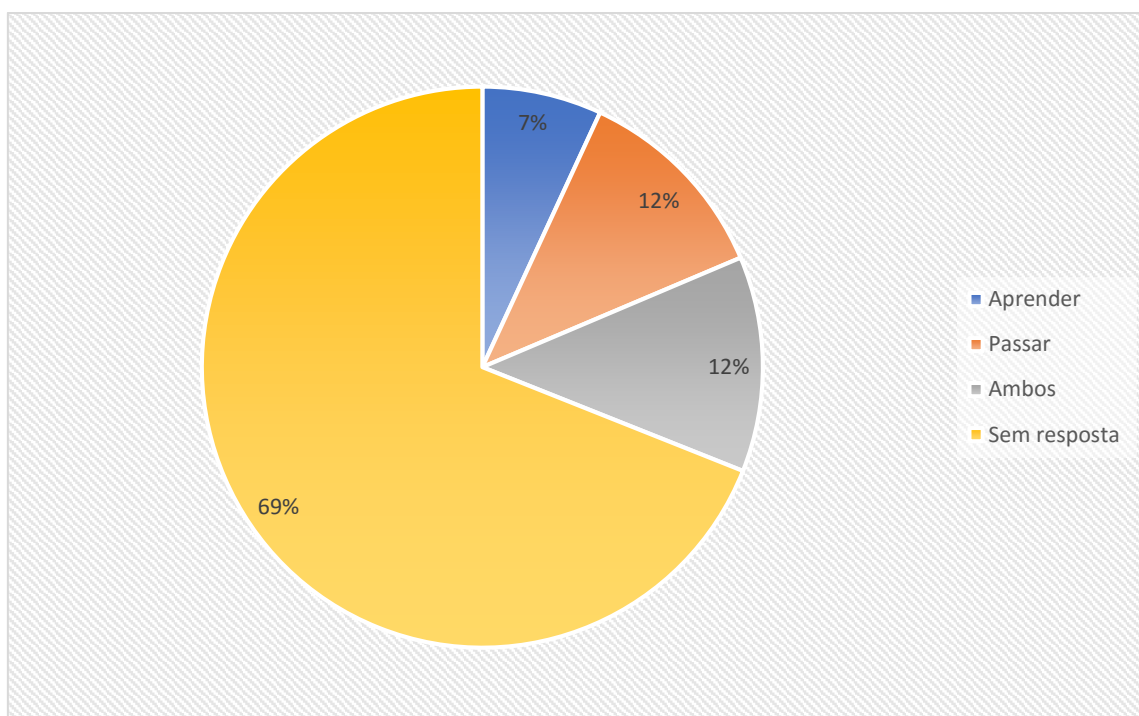
### VOCÊ TEM ALGUM PROJETO DEFINIDO APÓS O TÉRMINO DO ENSINO MÉDIO?



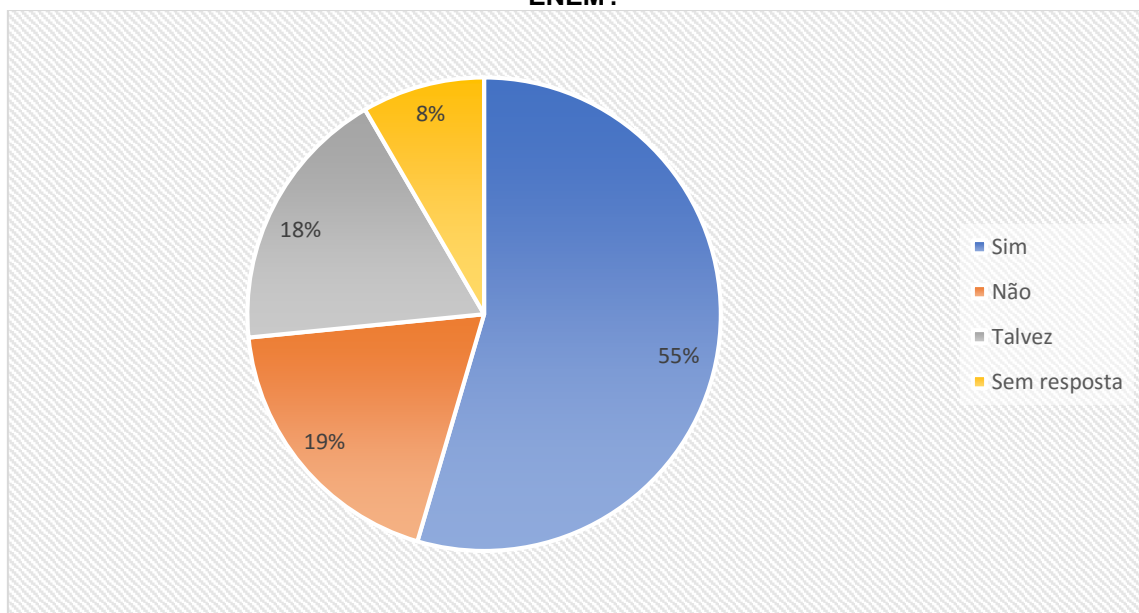
Comparamos também o projeto pós ensino médio com a relação estabelecida e o objetivo principal que o jovem enxerga no próprio espaço escolar que participa. Como podemos notar, as expectativas dos alunos estão em maior parte em

passar de ano. Isso pode se refletir para ser aprovado dentro de espaços acadêmicos - sem que isso seja conquistado com o aprendizado adquirido ao longo dos anos, mas por esforço pessoal em “passar de ano” - deste modo, o aprendizado passar a ser visto como ser bem-sucedido em exames.

#### VOCÊ SE PREOCUPA EM APRENDER O CONTEÚDO OU EM "PASSAR DE ANO"?

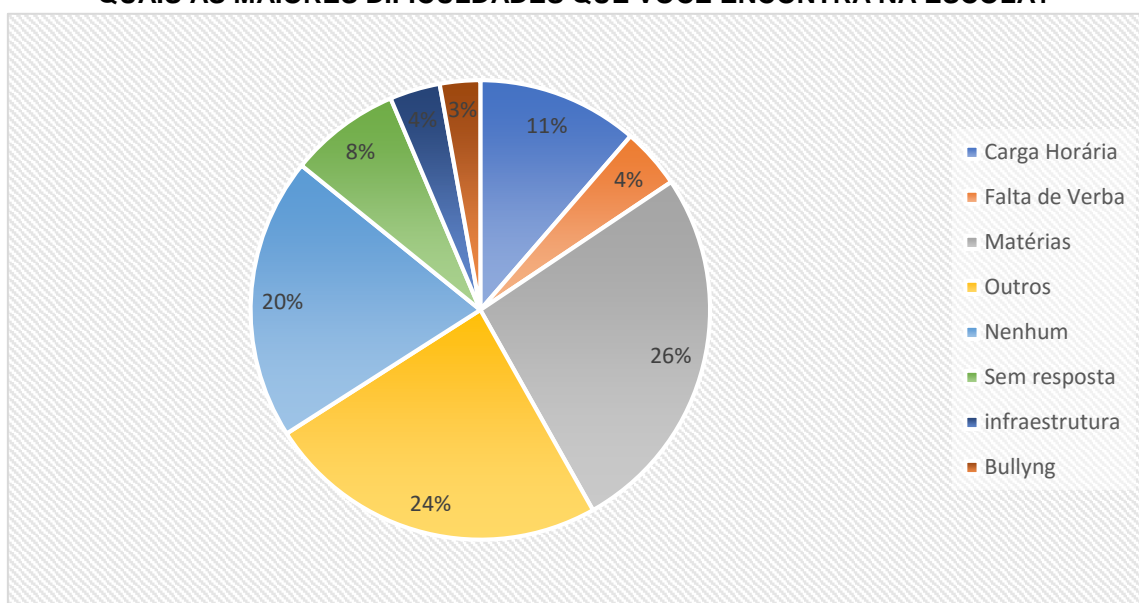


#### VOCÊ CONSIDERA QUE O ENSINO OFERECIDO NA SUA ESCOLA O AUXILIA PARA O ENEM?



Por fim comparamos as opiniões dos alunos sobre o ensino no seu espaço escolar com as maiores dificuldades apresentadas. Estas ultimas surgiram dentro de um contexto abstrato, como carga horária ou infraestrutura, porém os alunos relacionaram mais as disciplinas aplicadas na escola, o que se coaduna com a opinião sobre o próprio ensino recebido na escola, uma vez que o maior índice indica que o ensino, na visão estudantil, tem qualidade.

#### QUAIS AS MAIORES DIFICULDADES QUE VOCÊ ENCONTRA NA ESCOLA?



## 5. CONCLUSÃO

A pesquisa com a juventude do sul-fluminense, e especificamente nessa primeira fase com os jovens de Pinheiral, faz sentido à medida que começa a emergir nos últimos 20 anos uma “geração” de jovens que vive um momento político que impacta suas vidas em termos de construção de uma autonomia e de redes sociais próprias, mas foi muito pouco investigada/estudada. Vemos carências nas interpretações sobre as mobilizações juvenis.

A realização da pesquisa justifica-se também pelas fraturas e desigualdades sociais que transformaram a região sul-fluminense, nas últimas décadas, mas foram pouco investigadas. Acreditamos que a pesquisa na região pode contribuir para melhor conhecimento sobre os laços de sociabilidade estabelecidos nesta. Esperamos contribuir para a “contínua construção de vínculos sociais e destravar impedimentos à socialização (compartilhamento de valores) e à sociabilidade (interações sociais)” nos termos de Ribeiro e Silva (2003).

Nesse sentido, verificamos diferentes expectativas jovens de acordo com o seu espaço escolar; a desigualdade social significativa verificada no que diz respeito a educação na mesma cidade; e podemos fomentar debates externos a sala de aula sobre a escola e sobre o que é ser jovem – e a percepção deles sobre a realidade social.

Por fim, lembramos que as escolas investigadas estão na cidade, mas a diferença entre a qualidade de investimentos, qualificação e remuneração do corpo docente é marcante, o que pretendemos continuar investigando nas outras etapas da pesquisa.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVIM, Maria Rosilene Barbosa (Org.). *Juventude Anos 90: conceitos, imagens, contextos*. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2000. v. 01.

BOURDIEU, Pierre (2007). *A distinção: crítica social do julgamento*. (trad. Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira). São Paulo: Edusp, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. *In: Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1999.  
BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. *In: NOGUEIRA, Maria Alice;*

CATANI, Afrânio (Org.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRASIL. Secretaria Nacional de Juventude. <[juventude.gov.br](http://juventude.gov.br)>. Acesso: 20/05/2014.

CARDOSO, Adalberto. Geração 'nem-nem'. As desigualdades sociais e de gênero. Entrevista concedida ao IHU- Unisinos <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/539462-geracao-nem-nem-as-desigualdades-sociais-e-de-genero-entrevista-especial-com-adalberto-cardoso>>. Acessado em 04 de fevereiro de 2015.

CARMO, Paulo Sérgio do. *Cultura da Rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo, Senac, 2001.

CARRANO, Paulo. *Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas*. Rio de Janeiro, Relume Dumará/FAPERJ, 2002.

CARRANO, Paulo & PEREGRINO, Mônica. *Jovens e escola: compartilhando territórios e sentidos de presença. A escola e o mundo juvenil: experiências e reflexões* (Série Em Questão, n. 1). São Paulo, Ação Educativa, 2003.

CASTRO, Elisa Guaraná. *Sonhos, desejos e a realidade: educação e trabalho de 'jovens rurais*. *In: Simpósio Internacional sobre a juventude brasileira: perspectivas e ações em saúde, educação e cidadania*, 2004, Rio de Janeiro. Anais/Resumos

Simpósio Internacional sobre a juventude brasileira: perspectivas e ações em saúde, educação e cidadania. Rio de Janeiro: NIPIAC/IP/UFRJ, 2004.

DIEESE. *Juventude: diversidades e desafios no mercado de trabalho metropolitano*. Estudos e Pesquisas (11), São Paulo, DIEESE, set/2005

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. IPEA. *Políticas Sociais: acompanhamento e análise*. Brasília, 2008.

KOWARICK, Lúcio. *Capitalismo e marginalidade na América Latina*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

PERALVA, Angelina e SPOSITO, M. (org.) *Juventude e Contemporaneidade*. Revista Brasileira de Educação, n.5/6, São Paulo: ANPED, 1997.

POCHMANN, M. *O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu*. São Paulo, Boitempo, 2001.

RIBEIRO, Ana Clara Torres e SILVA, Cátia Antonia da. *Tendências da metropolização brasileira: ação e território*. Rio Urbano 2, Rio de Janeiro: CIDE, 2003.

TOURAINÉ, Alain. *Juventud y Sociedad en Chile*. RICS. 137, 1993.

VIANNA, H. (org.) *Galeras Cariocas*. Rio de Janeiro: Contra Capa/ Gestão Comunitária /Instituto de Investigação e Ação Social, 1997.